

ENTRE PÁS E PICARETAS: O FUTEBOL DE TRABALHADORES NEGROS NA LONDRINA DOS ANOS DE 1930

André Xavier da Silva¹

Resumo: O artigo analisa o futebol de trabalhadores negros na cidade de Londrina/PR nos de 1930. Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa histórica fotografias, entrevistas semiestruturadas e notícias de jornal. A sociogênese da cidade e região marcadas pelo empreendimento da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) trazia como fio condutor do empreendimento imobiliário a abertura de estradas e de vias-férreas ligando o interior de São Paulo ao Estado do Paraná. Neste cenário destacamos a organização social do lazer entre trabalhadores negros que trabalharam na construção desta via-férrea até o trecho de Londrina, o time de futebol denominado de *Pá e Picareta* nos possibilita uma reflexão que dá visibilidade à população negra na região.

Palavras-Chave: Futebol; História e Cor.

Between shovels and picks: the soccer of black workers in Londrina in the 1930s

Abstract: The article analyzes the Foot-ball of black workers in the city of Londrina/PR in the 1930s. For that, we used photographs, semi-structured interviews and newspaper news as a source of historical research. The sociogenesis of the city and region marked by the enterprise of CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) brought as a guiding thread of the real estate enterprise the opening of roads and railways connecting the interior of São Paulo to the State of Paraná. In this scenario, we highlight the social organization of leisure among black workers who worked on the construction of this railway to the stretch of Londrina, the Foot-ball team called *Pá e Piccareta* allows us a reflection that gives visibility to the black population in the region.

Keywords: Foot-ball; History and Color.

Introdução

O artigo tem por objetivo analisar um time de futebol de trabalhadores negros na cidade de Londrina/PR nos anos de 1930. A cidade localizada no norte do Estado e emancipada em 1934 apresenta uma sociogênese marcada pela venda de terras da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná), empreendedora inglesa instalada na região em fins da década de 1920, que trazia como fio condutor para o desenvolvimento da cidade e região a construção da via-férrea ligando São Paulo ao Estado do Paraná.

Neste contexto de expansão do capital inglês a CTNP se utilizou da mão de obra de trabalhadores para a construção desta via-férrea, entre

¹ Professor de Educação Física da rede Municipal de São Paulo, Especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: andrepqf@gmail.com.

engenheiros e administradores renomados trazidos pela CTNP destacamos o trabalho realizado por trabalhadores negros e sua organização social do lazer nos entornos da cidade e região. Neste sentido é que apresentamos uma equipe de futebol denominada de *Pá e Picareta*, composta majoritariamente por trabalhadores de cor preta, que apresentam já em seu distintivo uma representação dos instrumentos de trabalho. Para tanto utilizamos como fonte histórica, notícias de jornal, fotografias e entrevistas semiestruturadas.

Descrevemos a formação da cidade e, de maneira intrínseca e simultânea, conferimos visibilidade à equipe de futebol que nos sugere uma reflexão para além do próprio futebol, para além da própria organização do lazer evidenciando-nos a necessidade de dar visibilidade aos sujeitos que contribuíram para a sociogênese da cidade e região, pois é sabido que após o fim do período escravagista e introdução do trabalho assalariado, a incorporação do negro tanto na nova configuração do trabalho quanto na descrição e análise históricas ainda carecem de mais detalhamento por parte dos pesquisadores, e no caso de Londrina e região veremos que a presença negra já se configurava no período imperial e, portanto, anterior à chegada dos colonos ingleses à região.

A presença negra na região

Embora a cidade de Londrina tenha nascido a partir das relações entre governo brasileiro e capitalistas ingleses em fins de 1920, é preciso voltar um pouco atrás até o período imperial para contextualizar a presença negra na região. O Governo imperial visava explorar o comércio fluvial na bacia do rio Tibagi numa expansão até outras províncias como a de Mato Grosso, para tanto foram construídos a Colônia Militar de Jataí e alguns aldeamentos com a função de realocar os indígenas da região para a continuidade dos empreendimentos, nestas mesmas aldeias nota-se a presença negra na região, onde

mais de uma centena de negros e negras foi remetida para os empreendimentos da bacia do rio Tibagi ao longo da segunda metade da década de 1850 e da primeira metade da década seguinte. Estes empreendimentos eram a própria Colônia Militar do Jataí e os aldeamentos indígenas São Pedro de Alcântara, São Jerônimo e Santo Inácio do Paranapanema (MARCANTE, p. 113, 2012).

Os negros presentes nestes aldeamentos advinham de várias regiões do país e, eram em sua maioria, africanos livres oriundos do fim do tráfico negreiro na Costa Atlântica e da Lei Eusébio de Queirós (*sic*) de 1850, que apesar desta nova condição, muitos negros declarados livres eram realocados para locais de trabalho sob a tutela do próprio governo para desempenhar atividades em estabelecimentos públicos, assim

Na década de 1850 e na seguinte até 1864, ano da emancipação definitiva dos africanos livres no Brasil, os estabelecimentos públicos passaram a predominar como destino dos africanos sob tutela do governo imperial; entre os empreendimentos públicos que receberam os africanos livres destacavam-se (...) colônias militares, aldeamentos indígenas, colônias de povoamento e obras públicas como construção de estradas. Foi neste bojo que os empreendimentos da bacia do rio Tibagi receberam os africanos livres (MARCANTE, p. 119-120, 2012).

Em síntese, negros e negras nas condições de africanos livres eram realocados para repartições do governo imperial e foi neste sentido que a região da bacia do rio Tibagi, nos entornos da região onde se formará Londrina, recebeu as primeiras populações negras. Muitos desses trabalhadores construíram raízes na região consolidando ali os seus núcleos familiares. Veremos adiante a participação de trabalhadores negros na construção da via-férrea que ligará São Paulo ao empreendimento inglês no norte do Paraná. Porém, não é sabido se o trabalho ali realizado por pessoas negras obedeceu a algum contrato com os administradores do empreendimento inglês da região, contudo nota-se a presença negra na região do Tibagi anterior ao desenvolvimento da empreitada inglesa, fato que nos permite inferir que a iniciativa de algumas atividades como abertura de estradas, entre outras já vinham sendo realizado pelos africanos livres que ali já exploravam o lugar como detalhado por (MARCANTE, 2012).

A cidade, as estradas mestras e a via-férrea

A cidade de Londrina nasce a partir das relações entre capitalistas ingleses instalados na região desde fins dos anos de 1920. O Governo Brasileiro de Arthur Bernardes precisava buscar alternativas para reorganizar a economia, o Brasil estava endividado perante os bancos e credores ingleses após a realização de sucessivos empréstimos nas condições do *fundings-loan*². A aproximação do Governo brasileiro com os credores e empresários ingleses culminou com a ampliação do capital inglês por meio da exploração de novas terras no norte do Paraná e com a criação da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná).

O início do empreendimento inglês visava a monocultura do algodão, a extração de madeira e a indústria têxtil, no entanto com o baixo desempenho em tais empreitadas a CTNP decide redirecionar o investimento à exploração de terras parcelando os terrenos para venda dos lotes a baixo custo. Para dinamizar os negócios a CTNP inicia a

² Neste tipo de política prevaleciam empréstimos com o direito às moratórias (assim o Brasil ganhava o direito à suspensão indeterminada do pagamento dos juros, em caso do não cumprimento do contrato eram concedidos alguns privilégios aos credores ingleses que tinham direito em toda a renda das alfândegas do Rio de Janeiro e de outros Estados caso fosse necessário), às receitas da Estrada de Ferro Central do Brasil e do serviço de abastecimento de água do Rio de Janeiro.

abertura de estradas e ferrovias como a criação da via-férrea Ourinhos-Cambará-Jataizinho-Londrina-Nova Dantzig-Rolândia. A concessão para construção do trecho a partir da região de Cambará, que já era explorado por empresários e fazendeiros locais, ampliava a estrada até os novos núcleos urbanos planejados pela empreendedora, pois

a estratégia de planejamento inglês, consistia na construção da ferrovia aliada à subdivisão de pequenos lotes rurais e a implantação de núcleos urbanos de apoio equidistantes uns dos outros, para abastecimento e prestação de serviços (BORTOLOTTI, 2007, p. 61).

Para planejar e construir os núcleos urbanos a partir do parcelamento dos terrenos a colonizadora, em muitos casos, obedeceu aos caminhos já construídos por nativos, como as Estradas Mestras³, por exemplo, que já ligavam as regiões preexistentes antes da chegada dos colonos. Os modelos de núcleo urbano nas cidades adjacentes que receberiam estações da estrada de ferro, foram apresentados sob a forma de mapas⁴. Em pesquisa no NDPH (Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica) da Universidade Estadual de Londrina – UEL, observamos que no desenho dos primeiros loteamentos urbanos organizados pela CTNP para as cidades nos entornos de Londrina, como Nova Dantzig (atual Cambé) e Rolândia, já existiam delimitações para campos de *Foot-ball* e/ou praças de esporte – como também eram denominados os lugares da prática do futebol.

Observando os mapas parciais sobre a gleba do patrimônio Nova Dantzig e do município de Londrina foi possível notar que nos modelos de núcleo urbano as mesmas estruturas se repetiam em termos de planejamento. As similaridades notadas nos mapas diziam respeito às localizações de praças de esporte, cemitérios, caixas d'água, estradas que ligavam as cidades, os comércios bem como a delimitação para as estradas de ferro.

Para a construção do novo trecho ferroviário até os novos núcleos urbanos estima-se que cerca de 300 trabalhadores tenham trabalhado em sua construção (BONI, 2004), dentre renomados contratados pela CTNP encontramos o trabalho realizado por trabalhadores negros. Os registros sobre estes trabalhadores ainda são escassos em consequência de que muitas pessoas da época não possuíam máquinas fotográficas ou pelo fato de que para o registro das atividades sociais do período destacava-se o papel dos fotógrafos, principalmente aqueles contratados

³ As Estradas Mestras foram caminhos construídos pelos nativos que habitavam a região, e tinham como função ligar as regiões que futuramente seriam conhecidas como Londrina Cambé-Rolândia-Arapongas-Apucarana. As Vias-Férreas construídas para ligar estas futuras cidades caminharam de maneira paralela à rota das Estradas Mestras.

⁴ Números dos mapas para consulta no NDPH/UEL: CM066-2, CM040, CM054, CM053, CM046, CM048, CM041, CM035, CM058, CM059.

pela CTNP, pois como se sabe, fazia parte de seus trabalhos registrarem os feitos da CTNP, e sendo assim, os interesses dos colonos (BONI, 2004). Neste sentido poucos registros são encontrados sobre os trabalhadores negros que realizaram a atividade de desbravar os caminhos para a estrada férrea.

Além da escassez de registros sobre o trabalhador negro também destacamos o fato de que a identificação de historiadores com o movimento operário anarquista da Primeira República (COSTA, 1982) aliado à construção de uma história social do trabalho única, nos leva a um “paradigma da ausência”, onde a diversidade inerente ao trabalho pós-escravagismo não se apresenta a partir da contribuição e das características de cada movimento operário, em específico as peculiaridades do trabalhador negro (NASCIMENTO, 2016). Assim a

historiografia que investiga trabalhadores pobres e o movimento operário na República tende a não incluir o componente cor dos indivíduos pesquisados em suas páginas. Essa ausência torna-se ainda maior nas pesquisas voltadas para os séculos XX e XXI, quando a cor dos trabalhadores é frequentemente invisibilizada (NASCIMENTO, p. 609, 2016).

O autor ainda afirma que “Essa ausência é marcada pela superioridade cultural e racial dos imigrantes que se avolumaram no Sudeste e Sul do país no fim da escravidão.” (Nascimento, p. 610, 2016). Contudo, é preciso pesquisar e escrever tendo em vista a multiface do trabalho social no Brasil da Primeira República destacando a participação do negro na História Social do operariado brasileiro (NEGRO; GOMES, 2006). Ainda sobre este silenciamento ou escassez de registros sobre a população negra Schwarcz (1987, 1993) nos ensina que este esvaziamento não é isento de uma questão racial, porém fruto de uma representação do negro na época, pois até os anos de 1930 as práticas de ciência no interior dos institutos estavam arraigadas por um debate racial degeneracionista quanto à miscigenação, o que exemplifica como as instituições olhavam o negro dentro do social.

Alguns trabalhos destacam a participação do negro no trabalho e no futebol como (MASCARENHAS, 1999) nos apresentando a *Liga das Canelas Pretas*, onde os negros se organizaram em torno do futebol a partir da identificação cor de pele; Ou ainda o *futebol dos vadios* na Bahia com o negro recém-liberto organizando a própria Liga e campeonatos (SANTOS, 2009, 2012); Noutros casos o negro também se organizou por meio de associações criando imprensa para valorização e difusão da cultura negra ao mesmo tempo em que discutiam a incorporação do negro numa sociedade já hierarquizada, neste caso o futebol representou uma prática de inserção do negro no trabalho (SOARES; ABRAHÃO, 2009, 2012).

Já para Domingues, (2015) na equipe de futebol *São Geraldo* os trabalhadores negros da região da Barra Funda em São Paulo se organizaram por meio de associações e clubes em torno da classe social

e cor de pele como formas de representação do trabalho e do lazer. Neste mesmo sentido (VITALE, 2018) apresenta outras equipes de futebol na cidade de São Paulo onde a cor de pele é condicionante para a configuração de uma rede de sociabilidade entre os trabalhadores negros que se solidarizam em torno do futebol. Vamos ao caso da equipe de futebol que nos suscita o trabalho.

Engravatados e sem gravatas: o futebol como representação do trabalho

[...] é aquela tradição de vestimenta sempre engravatado etc. tudo efeito sinopses né (gargalhadas) note que outros coitados né vestiam calça, uma camisa e um par de sapatos e acabou o mundo né, e vamos trabalhar (GUNNAR F. KNUTSON entrevista concedida ao MHL, 1979).

O trecho acima se refere a uma fala de *Gunnar F. Knutson* administrador das obras da ferrovia e doador das fotografias do time de futebol *Pá e Picareta* em entrevista concedida ao MHL (Museu Histórico de Londrina) em 1979. Os engravatados na citação são os funcionários do alto calão da CTNP, note que os outros vestiam calça, uma camisa e um par de sapatos, ou seja, os trabalhadores “sem gravatas” e vamos trabalhar. No livro *Planejar é preciso: memórias do planejamento urbano de Londrina*, BORTOLOTTI comenta imagens de trabalhadores que construíram a estrada de ferro até Londrina como se lê

Esta terra não foi somente construída por homens de terno e gravata. Estes foram poucos, pois o grande contingente era formado por aqueles “sem gravata”, com suas roupas rasgadas e sem outra muda, tendo que remendá-las até o fim (BORTOLOTTI, p. 73, 2007).

Entre os engravatados citados pelo autor temos João Sampaio, brasileiro e um dos administradores da CTNP, abaixo um trecho de sua fala em solenidade na Câmara de Vereadores de Londrina no ano de 2007:

Nas terras adquiridas pela CTNP, os primeiros trabalhos realizados foram a demarcação da propriedade, os levantamentos topográficos para o traçado da ferrovia (...) paralela ao trajeto da ferrovia vinha a estrada de rodagem, com maior liberdade de traçado diminuindo o percurso entre as localidades (SAMPAIO in BORTOLOTTI, p. 70, 2007).

Ao longo da descrição sobre o início dos trabalhos da futura estrada de ferro não encontramos detalhes sobre as atividades da população negra. No entanto, abaixo reproduzimos a fotografia de José Juliani⁵,

⁵ José Juliani (1896-1976), descendente de imigrante italiano, foi fotógrafo contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), entre 1933 e 1943, uma de suas funções

fotógrafo contratado pela CTNP, sobre trabalhadores negros construindo a via-férrea, os sem gravatas:



Figura 1: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss. Autor: José Juliani.

A partir dos dados de catalogação do MHL não é possível saber exatamente o trecho referido na imagem. Porém, no verso de uma das fotografias encontramos os seguintes escritos: “2ª quadra da construção”, o que provavelmente nos sugere o local onde se encontrava o andamento das obras iniciais, ainda na região de Jataizinho e em torno do rio Tibagi. Tal fato nos suscita uma reflexão sobre os trabalhadores ali presentes, visto que os africanos livres da região, além de já estarem estabelecidos no local há algum tempo, fixando e difundindo familiares, também já possuíam conhecimentos prévios sobre a região por estarem trabalhando ali décadas antes sob a tutela do Governo Imperial.

Por outro lado, os registros do time dos sem gravatas, denominados *Pá e Picareta*, nos apresentam como sendo de 1932⁶, ano em que os trabalhos sobre a ferrovia ainda se concentravam naquela mesma região, pois as obras ficaram paradas no período de 1929 a 1932 devido a uma enxurrada que atingiu as obras no Tibagi. O trecho até Londrina e aos outros núcleos urbanos foi construído até o ano de 1935.

É visível na imagem a divisão social do trabalho entre trabalhadores negros e brancos naquele contexto. Trabalhadores em sua

foi registrar a chegada dos colonos e (i)migrantes, atividades religiosas, esportivas e de trabalho. (ARRUDA, 2002; YAMANE; OLIVEIRA; VISALLI, 2011).

⁶ As fotografias reproduzidas referentes ao Time de futebol chegaram ao Museu Histórico de Londrina somente no ano de 1979 por doação de *Gunnar F. Knutson*, engenheiro contratado da CTNP.

maioria negros usando “pás e picaretas” na execução dos afazeres enquanto se vislumbra a imagem. É neste contexto que trabalhadores negros da CTNP organizam a vida social em torno do lazer. O time de futebol denominado de *Pá e Picareta* imprime inscrições que nos sugerem ir além do próprio futebol. De fato a organização do time representava um pioneirismo negro na cidade e região, bem como uma atividade de lazer anterior ou até mesmo simultânea a dos colonos, ainda que os negros sejam pioneiros com o time Pá e Picareta o jornal Paraná Norte conferia um pioneirismo à equipe de futebol *Esporte Clube Londrina*, fundada em 1934 (PIANTINI, 2000) e organizada por colonos, equipe esta destacada pela imprensa local⁷.

No contexto dos anos de 1930 o futebol já vinha se consolidando como uma prática social nas várias capitais do país, nas diferentes camadas sociais a difusão do esporte bretão apresentava características de distinção social nos estatutos de clubes, nas vestimentas, nas formas de divulgação e na questão racial marcada pela segregação. Muitos times populares se organizavam em torno das empresas, associações ou de seus grupos sociais e étnicos como forma de expressão política e de lazer, assim “trabalhadores podiam ver no futebol um espaço próprio de sociabilidade, sem a tutela patronal” (NEGRO; GOMES, 2006, p. 224).

Neste sentido, trabalhadores negros da construção da via-férrea do trecho até Londrina se organizaram em torno do lazer, e o futebol como prática social em processo de popularização abriu possibilidades de registro por parte dos fotógrafos da CTNP. Abaixo reproduzimos a fotografia que apresenta o time de futebol denominado *Pá e Picareta*.

⁷ A equipe de futebol *Esporte Clube Londrina* e seus jogadores se organizavam no campo de futebol cedido pela CTNP, nas localidades da região central da futura cidade, precisamente no trecho onde hoje compreende a Av. Celso Garcia Cid. Espaço onde funciona a Cooperativa Agrícola Integrada. A equipe foi patrocinada pela CTNP e o jornal *Paraná Norte* destinava espaços em suas páginas para a publicação do Estatuto do Clube, chás dançantes, Assembleias Extraordinárias, eleição de diretorias, convocação para treinos e divulgação de jogos. (*Paraná Norte*, 11 nov. 1934), (*Paraná Norte*, 10 nov. 1935), (*Paraná Norte*, 04 ago. 1935), (*Paraná Norte*, 14 jul. 1935), (*Paraná Norte*, 14 abr. 1935), (*Paraná Norte*, 02 jun. 1935), (*Paraná Norte*, 09 jun. 1935).



Figura 2: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss. Autor: Desconhecido.

A fotografia revela que ao organizar o lazer em torno do futebol, os trabalhadores imprimiram nas camisas os símbolos daqueles instrumentos de trabalho, ao mesmo tempo em que o nome da equipe *Pá e Picareta* também indica referência ao trabalho. Tal configuração em torno de classe social ou cor de pele era comum e ao mesmo tempo peculiares entre trabalhadores negros da primeira metade do século XX.

Nas fotografias os mesmos trabalhadores aparecem num jogo onde é possível vislumbrar uma disputa entre a equipe *Pá e Picareta* versus outra equipe, provavelmente composta por trabalhadores do alto calão da CTNP, já que os dizeres no verso da foto e nos catálogos no MHL trazem o “Tampinha⁸ da CTNP fingindo machucado” no jogo denominado de “arranca toco”. O termo “arranca toco” também nos sugere uma reflexão sobre o trabalho daquele contexto, uma vez que para construir os trilhos da estrada de ferro era necessário arrancar árvores e conseqüentemente tocos no trecho percorrido.

Abaixo temos o verso de uma fotografia sobre a descrição do distintivo do time de futebol *Pá e Picareta*:⁹

⁸ Numa das fotografias o Tampinha aparece como sendo um jogador da equipe de futebol organizada somente por trabalhadores do alto calão da CTNP, ou seja, engenheiros e administradores.

⁹ Texto do verso da fotografia: “1º time de Foot-ball de Londrina distintivo uma pá e picareta cruzadas – emblema dos jogadores da construção da ferrovia Note: no primeiro plano joga *Mr. Geofred Wild Diment* chefe da construção. Londrina 04/09/79”.

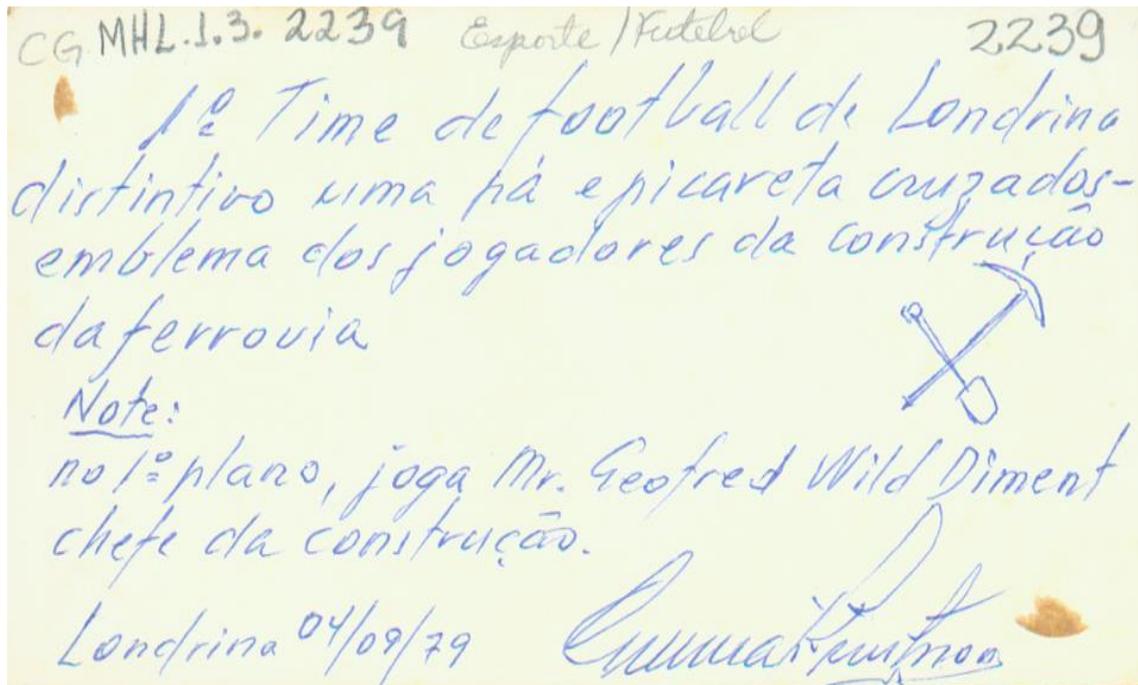


Figura 3: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss. Autor: Desconhecido

O time de futebol usava as camisas com o distintivo constituído por uma *pá* e uma *picareta*, cruzadas inclinadamente como nos mostra o desenho no verso da fotografia. A imagem ainda traz os dizeres “1º time de *Foot-ball* (*sic*) de Londrina. Distintivo uma pá e picareta cruzados – emblema dos jogadores da construção da ferrovia”. Ainda em tom de nota, os dizeres chamam a atenção para a participação de *Geofred Wild Diment*, renomado chefe da construção da estrada de ferro.

Gunnar F. Knutson, doador das fotografias do time de futebol *Pá e Picareta* em entrevista ao MHL em 1979 confirma a presença de *Diment*

[...] eu fui a segunda pessoa na exploração dessa linha, em primeiro lugar estava o chefe da construção que era Dr. [...] mister mister mister *Diment* era um inglês do sul da Inglaterra [...] porque os outros todos eram escoceses né, ele era *Geofred Wild Diment* era o nome dele (GUNNAR F. KNUTSON entrevista concedida ao MHL, 1979).

Na entrevista e nos trechos de livros é possível identificar administradores e engenheiros da CTNP e pouquíssimas alusões aos trabalhadores de cor preta. Ainda sobre estas formas de silenciamento não encontramos citação alguma sobre estes trabalhadores no jornal de circulação da época que trazia entre os renomados da CTNP o Governador Manoel Ribas no dia da inauguração da estação ferroviária e da chegada do trem à cidade seguida de um banquete no Hotel Luxemburgo.

[...] o trem inaugural rumou para Londrina, chegando a esta cidade precisamente as (*sic*) 16 e 50, sob os aplausos de quase

toda a população da cidade que em massa e em meio ao maior júbilo *affluit* (*sic*) à estação ansiosa pelo momento de sua inauguração (*PARANÁ NORTE*, 04 ago. 1935).

Entre solenidades e banquetes destacamos a participação das pessoas que construíram a estrada de ferro dando visibilidade ao trabalho e ao lazer daqueles sem gravatas, que com suas pás e picaretas construíram a via-férrea até o trecho de Londrina e adiante. As falas acima nos revelam o “paradigma da ausência” onde os processos de silenciamento do trabalhador negro foram, em muitos casos, respaldados por um discurso científico das instituições que coletaram as entrevistas, por um discurso da imprensa atrelada aos interesses dos colonos, visto que o jornal *Paraná Norte* era de propriedade da CTNP, e por fim, por pesquisadores ou álbuns oficiais da cidade que elegeram determinados grupos étnicos em seus anais.

Considerações finais

Na tentativa de dinamizar o seu empreendimento imobiliário a CTNP lançou mão de trabalhadores de cor negra na sua empreitada. Ao analisarmos as fontes supracitadas foi possível evidenciar que no período entre 1929 a 1935 estes trabalhadores se solidarizam em torno do trabalho e do lazer. O time de futebol *Pá e Picareta* nos possibilitou revelar um pouco do trabalho e de outras atividades sociais numa caracterização que remete às organizações típicas de outras agremiações esportivas de outros locais do país, onde os trabalhadores negros se aglutinaram em torno de uma rede de sociabilidade e do trabalho.

Assim, as atividades sociais deste grupo étnico nos abriram a possibilidade de identificação daqueles que construíram o trecho da via-férrea até Londrina e região. Aqueles trabalhadores que sem gravatas viram as matas e a terra, conviveram e enfrentaram as adversidades da região, criaram as suas formas de lazer expressas pelo futebol em meio ao trabalho árduo com suas bolas e chuteiras, com suas pás e suas picaretas.

Sendo assim, se os discursos oficiais proferidos pela imprensa e literatura locais elegeram como representantes determinados grupos étnicos tanto no plano político, econômico, sociocultural quanto no esportivo, podemos dizer que ao analisar e descrever o time de futebol *Pá e Picareta* pudemos colocar nos trilhos a população negra na gênese da cidade. Isto significa concluir não só um pioneirismo negro, mas também, para o sentido da organização do lazer destes grupos que transcenderam a própria questão racial, como o próprio nome da equipe de futebol denominada nos sugere uma organização em torno do trabalho, pois tais finalidades projetadas e executadas por aqueles trabalhadores nos possibilitam colocar nos trilhos da História aqueles que construíram os próprios trilhos.

Fontes - Jornais

Paraná Norte, 11 out. 1934.
 Paraná Norte, 11 nov. 1934
 Paraná Norte, 14 abr. 1935
 Paraná Norte, 02 jun. 1935
 Paraná Norte, 09 jun. 1935
 Paraná Norte, 14 jul. 1935
 Paraná Norte, 04 ago. 1935
 Paraná Norte, 10 nov. 1935

Fontes - Entrevista

Gunnar F. Knutson entrevista concedida ao Museu Histórico de Londrina, 1979.

Acervos consultados

Biblioteca Pública Municipal de Londrina;
 Museu Histórico de Londrina Pe. “Carlos Weiss”;
 Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica – NDPH/UEL.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Maria Juliani **de. JULIANI**: *um homem, sua máquina e a história de Londrina*. Londrina: Da autora; ICON, 2002.

BONI, Paulo Cesar. *Fincando estacas: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina, Ed. do autor, 2004.

BORTOLOTTI, João Baptista. *Planejar é preciso: memórias do planejamento urbano de Londrina*. Londrina, Midiograf, 2007.

COSTA, Emilia Viotti da. A nova face do movimento operário na Primeira República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 2, n. 4, set. 1982.

DOMINGUES, Petrônio. O ‘campeão do Centenário’: raça e nação no futebol paulista. *História Unisinos*, v. 19, p. 368-376, 2015.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. Anos 90, *Movimento*, Porto Alegre, v.1, n.11, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6546/3898>>.

MARCANTE, Maicon Fernando. *Aldeados e africanos livres: relações de compadrio e formas de inserção no aldeamento indígena São Pedro de Alcântara (Paraná, 1855-1895)*. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2012.

MARCANTE, Maicon Fernando. Produção e relações comerciais do aldeamento indígena São Pedro de Alcântara (Tibagi/ PR, 1875-1880). *Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, v. 16, n. 1, jan./jun. 2011, p. 147-168.

MELO, Victor Andrade de. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o “paradigma da ausência”: contribuições à História Social do Trabalho no Brasil. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.29, n.59, pp.607-626, set.-dez. 2016.

NEGRO, Antonio Luigi & GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. *Tempo Social* (revista de sociologia da USP), v. 18, n. 1, jun. 2006.

PIANTINI, Nair Paglia. *Londrina, meu rosário de saudades*. Londrina, Atrito Art, 2000.

SANTOS, Henrique Sena. Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em salvador, 1901-1920. *Recorde: Revista de História do Esporte*, V.2, n.1, jun., p. 1-28, 2009.

SANTOS, Henrique Sena. “Desastres materiais, desordens morais”: o “foot-ball de vagabundos” nas ruas de salvador, 1905 – 1920. *Recorde*, v.5, nº1, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em braço e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, Companhia das letras, 1987.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo, Companhia das letras, 1993.

SHCWARTZ, Widson. *Poder emergente no sertão*. Londrina, Midiograf, 1997.

SILVA, André Xavier. *Entre pás e picaretas: o quebra canela do futebol menor nas páginas do Paraná Norte e do Folha de Londrina*. Trabalho de Monografia do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária, Centro de Educação Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA, Marcelo Vitale T. da; *Territórios Negros em Trânsito: Penha de França – Sociabilidades e Redes Negras na São Paulo do Pós-abolição*. Dissertação de Mestrado, USP, 2018.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte*, São Paulo, v.26, n.1, p.63-76, jan./mar. 2012.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. O Elogio ao Negro no Espaço do Futebol: Entre a Integração Pós-Escavidão e a Manutenção das Hierarquias Sociais. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, jan. 2009.

YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Celia Regina; VISALLI, Angelita Marques. *Coleção fotográfica José Juliani*. Museu Histórico de Londrina, Universidade Estadual de Londrina; projeto de organização, recuperação e digitalização da Coleção de José Juliani. Londrina: UEL, 2011.

Recebido em 20 de novembro de 2020
Aprovado em 30 de janeiro de 2022